

16 de fevereiro de 1950

MEIO DE SEMANA

Quando se trata do aperfeiçoamento possível de um poema, não é possível deixar de citar, ainda e sempre, Valéry. Pois, mais que qualquer outro, ele foi o trabalhador infinito de sua própria substância poética. Dizia que um poema nunca está perfeito, e o autor sempre encontra o que subtrair, acrescentar ou substituir. Era o que ele mesmo fazia com as suas criações, e comentava esse esforço contínuo dizendo que qualquer página é abandonada ao seu próprio destino por vários motivos, menos por ser considerada perfeita. Entre esses motivos enumerava: a fadiga do autor, a náusea deste diante de uma coisa demasiadamente estudada e analisada, o prazo fixado pelo editor da revista que encomendou o poema ou o ensaio. Fora dessas circunstâncias, a página sempre espera um retoque, que nunca é o final.

Não só Valéry era assim. O pintor Degas, seu amigo, havia feito o retrato de Mme. Valéry. E costumava carregar suas próprias telas das casas amigas para modificá-las, sempre que podia. Quando levou o quadro da casa do poeta, este comentou: com os poemas que já estão impressos aos milhares, podemos tentar a experiência da modificação. Se esta não for feliz, a obra continua como antes. Mas com as telas, que são únicas...

Naturalmente que há um limite, uma invisível fronteira entre as possibilidades da criação perfeita, que só existe subjetivamente, e a realidade fixada da coisa que o criador sentiu num momento indiscernível. Os limites impostos pelas palavras, pelo poder sugestivo das palavras, parecem muito acanhados. Nunca o poema revela tudo o que quis dizer, nunca a página do romance esclarece completamente o fragmento de vida que o ficcionista captou por experiência própria. Mas como Valéry acreditava nesse aperfeiçoamento das criações versais, era como se realmente essa possibilidade existisse sem limites

2

REY 24
CLI 0900
SIST. 59781

para ele. Daí a altura alcançada pela sua obra de poesia e de ensaio. Quem se satisfizesse com uma primeira aproximação, não teria escrito aquele estudo sobre Da Vinci, que nos deixa sem fôlego, tal a altura de rarefação onde Valéry permanece sozinho, como o azul da montanha impalpável.

Talvez alguns anos de penumbra num fundo de gaveta, e depois uma revisão final, comuniquem ao poema o melhor de seu encanto. Nem a deformação da suprema exigência, nem a pressa do primeiro impulso. Mas qualquer coisa que, estando em equilíbrio entre esses dois extremos, participe mais profundamente da condição humana. Era, afinal, essa posição que o poeta procurava, e tantas vezes encontrou, posição do homem que procura extrair de seu próprio espírito o que este possui de mais rico como virtualidade criadora.